

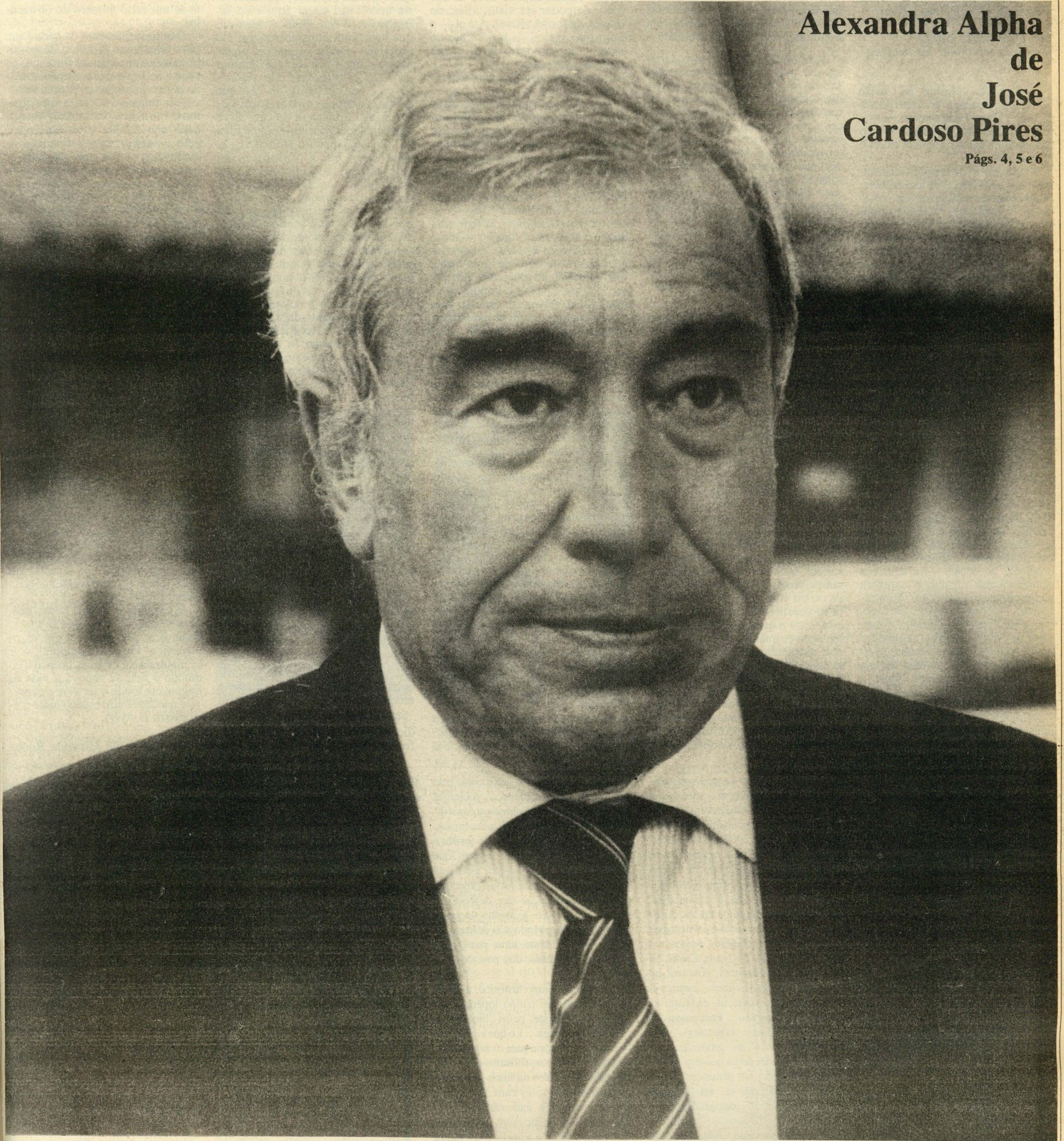
LER, ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

N.º 329

**Alexandra Alpha
de
José
Cardoso Pires**

Págs. 4, 5 e 6



«Alexandra Alpha» de José Cardoso Pires

■ A crónica do dia 25 de Abril de 1974

«Alexandra Alpha», último romance de José Cardoso Pires, foi anteontem apresentado à Imprensa, durante um jantar oferecido pela editora Dom Quixote. A tiragem desta edição é de 30 mil exemplares, a que se seguirão, dentro de dias, mais 7500 do Círculo de Leitores (para sócios). Do livro, destinado a sobressair duradouramente no conjunto da literatura portuguesa contemporânea, apresentamos aos nossos leitores as páginas em que Cardoso Pires faz a crónica do dia 25 de Abril de 1974.

ALEXANDRA vestiu o roupão. Voltou ao Whisky: «Queres?», perguntou, levantando o copo em direcção à cama. O companheiro fez que não e passou a mão pelos olhos lentamente. «Obrigado», disse — baixinho e bastante depois.

Ela bebeu um golo; estava de pé, a meio do quarto. Alguma coisa tombou no andar de cima, ouviu-se um arrastar de cadeiras e, irra, lá estava outra vez o telefone a tocar. Agora Alexandra não perdeu um segundo e em menos de nada deitou-lhe a mão. Xana, segredou-lhe alguém do lado de lá. És tu, Xana?

Reconheceu a voz da Maria. A Maria, pois, a Mana. Era a Mana a segredar-lhe que fosse já ouvir o rádio, ao rádio já, imediatamente, a tropa estava na rua, era a Revolução. A Revolução, caraças. Ela não sabia pormenores, estava a falar duma cabina, tinha de desligar e desligou.

Foi tudo. Alexandra correu para o rádio, «Uma revolução», disse para o companheiro, mas possivelmente nem foi ouvida, ela própria não se ouviu porque mal abriu o aparelho já soava uma voz a pedir Atenção!, uma voz tranquila, bem marcada, a anunciar-se em nome das Forças Armadas, aviso à população:

«Conforme tem vindo a ser difundido, as Forças Armadas desencadearam na madrugada de hoje um conjunto de acções com vistas à libertação do País do regime opressivo que há longo tempo o domina. Apelamos a todos os habitantes de Lisboa no sentido de recolherem a suas casas, nas quais se devem conservar com a máxima calma...»

Sentados à beira da cama, Alexandra e o médico-soldado interrogavam o pequeno quadrante iluminado. No vizinho de cima o som rompia a toda a força, o mesmo comunicado, as mesmas palavras de ordem, Comando do Movimento das Forças Armadas. Uma quartelada? perguntava o companheiro de Alexandra. Um golpe dos ultras? Uma revolução de palácio?

«Não se hesitará em responder implacavelmente a qualquer oposição que se vier a manifestar», avisava a voz da madrugada. «Viva Portugal».

Estávamos desconfiados, pois a cidade apresentava-se numa aridez de morte. Apareceu-nos sob um céu de cinza branca, secreta e despovoada, e, ao alvorecer, essa cinza, essa poalha, começou a ganhar reflexos metálicos. Vimos as luzes dos candeeiros públicos reduzidas a uma palidez gelada e autocarros sem ninguém a circular em naquilo que seria uma praça ou um oco das meias trevas: Vimos um cão crucificado numa cabina telefónica. Ou parecemos. E numa avenida qualquer passou, muito discretamente, um cavalo solitário a arrastar uma carroça com pneus de automóvel.

Porém, à medida que o dia se foi aproximando a névoa derramou-se por

dentro, contudo retendo a luz. E começaram a despontar perfis humanos a cada esquina, imóveis, esboços apenas, mas logo nos apercebemos de que eram vultos armados, militares de G-3 engatilhada, postados em rigor de conspiração; e descobrimos também, nalgumas clareiras ou abertas que depois se revelariam ser cruzamentos, recantos e terrenos vagos, descobrimos, não era pesadelo, vultos de enormes mostrenhos adormecidos. Adormecidos, não: em sonolência aparente. Isso, em sonolência calculada, fingida, pois todos eles segredavam mensagens, alô Charlie, alô Oscar, alô Charlie Oito, e todos vibravam numa maquinação contida.

Agora já os reconhecíamos na sua exacta configuração: eram carros blindados, máquinas de guerra metódicas e impiedosas.

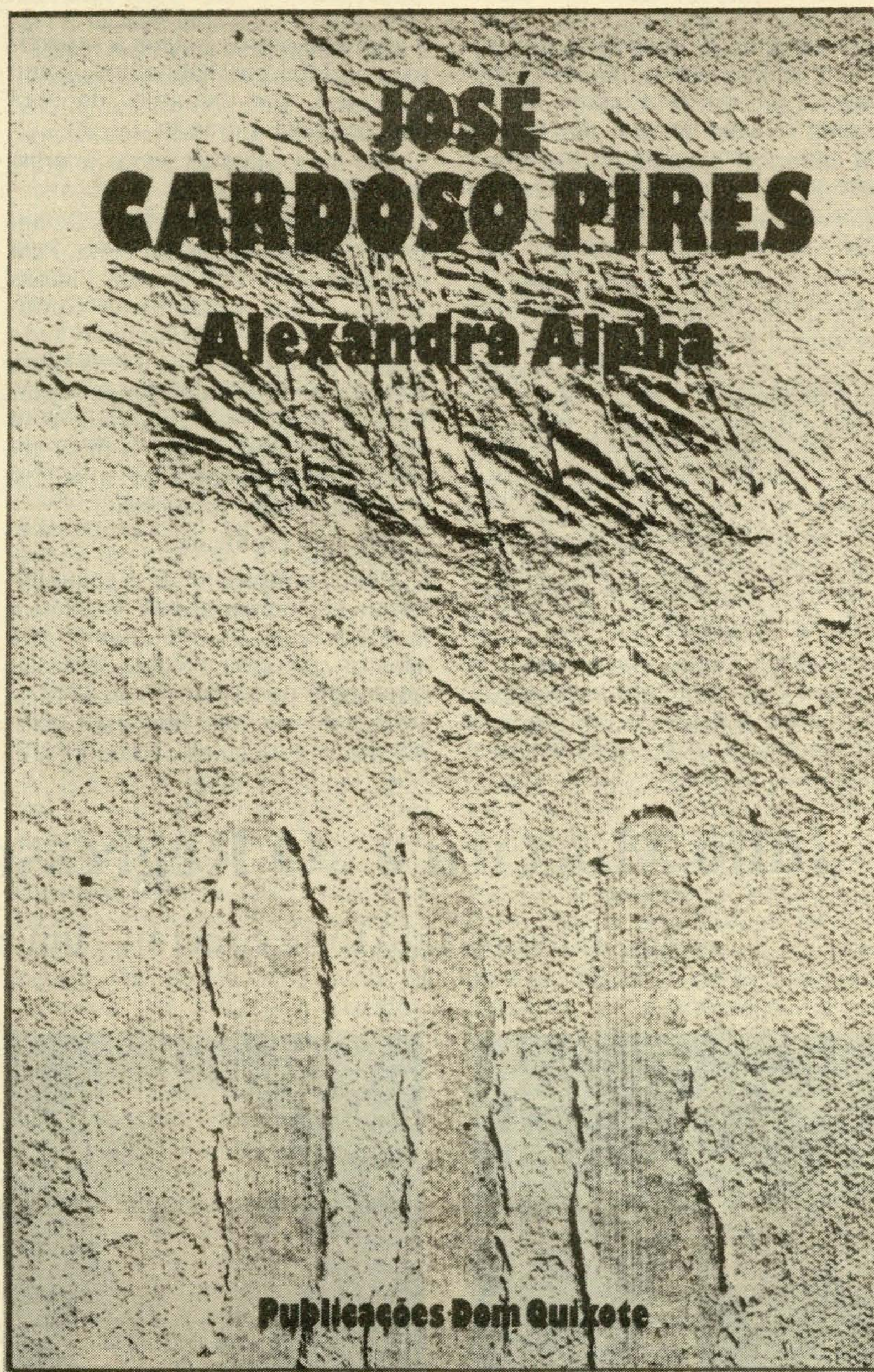
Indiferentes, os monstros sussurrantes distendiam lentas e poderosas antenas de aço à procura de orientação. Estavam ali para fazer frente ao dia, e já se arrastavam, já avançavam, de canhão levantado, a sondar e a abrir caminho. Deslocavam-se num debitar de mensagens misteriosas, alô Charlie, alô Oscar, alô Maior de Lima Cinco, e esses apelos eram a bússola, o traçado que os guiava através da madrugada. Assim estávamos, em assombro e em inquietação, quando num rasgão súbito o céu se iluminou por inteiro e foi dia.

A cidade apareceu ocupada e radiosa. Deparámos com colunas militares inundadas de sol; e povo logo a seguir, muito povo, tanto que não nos cabia nos olhos, levadas de gente saída do branco das trevas, de cinquenta anos de morte e de humilhação, correndo sem saber exactamente para onde mas decerto para a

LIBERDADE!

Liberdade, Liberdade, gritava-se em todas as bocas, aquilo crescia, espalhava-se num clamor de alegria cega, imparável, quase doloroso, finalmente a Liberdade!, cada pessoa olhando-se aos milhares em plena rua e não se reconhecendo porque era o fim do terror, o medo tinha acabado, ia com certeza acabar neste dia, neste abril, abril de facto, nós só agora é que acreditávamos que estávamos em primavera aberta depois de quarenta e sete anos de mentira, de polícia e ditadura. Quarenta e sete anos, dez meses e vinte e quatro dias, só agora.

No Tejo, como que ressuscitada do fundo das águas, estava uma fragata de guerra, uma nave cavernosa que escorria limos e baba parda, e pensámos que era fiel aos ditadores porque apontava para nós todas as bocas de fogo. Estava, pensámos, povoada de fantasmas do antigamente, corsários decrépitos, padres corruptos, sicários, negreiros, governadores, mas não se pronunciava, não bulia. Também é verdade que cedo nos deixámos de preocupar com ela e com os seus propósitos, pois nesta margem de cá era a revolução em festa e



■ A cidade apareceu ocupada e radiosa. Deparámos com colunas militares inundadas de sol; e povo logo a seguir, muito povo, tanto que não nos cabia nos olhos, levadas de gente saídas do branco das trevas, de cinquenta anos de morte e humilhação...

voavam cravos vermelhos, manhã em flor.

De raro em raro soavam tiros à distância. Soltos, espaçados. Sentíamo-los, não podíamos deixar de os sentir, mas como acreditá-los se o encantamento e o fraternidade eram tão confiantes que já não reconheciam a morte nem os seus avisos? Por certo que, ao ser despertada nesse alvorecer, a cidade se retraiu num velho e amargo fermento de prudências, mas a razão do coração atirou-a para a rua e ei-la, de peito aberto, a correr para os libertadores, a subir e a crescer, a crescer, sim, a crescer sempre, na direcção do Chiado, gritavam uns porque era lá que ficava a central da polícia política, ou na direcção do Carmo, todos ao Largo do Carmo, gritavam outros, porque no Quartel do Carmo estava o Governo encurralado pelos militares revoltosos.

Deste modo nos fomos, e por onde passávamos juntava-se mais povo, mais país, mais mundo. Seguíam connosco marinheiros errantes e soldados desertores dos regimentos servis ao passado que ainda não se tinham rendido; e populares, gente à deriva; e automóveis de

rádio aberto a transmitirem comunicados do Movimento das Forças Armadas, M.F.A., era essa a sigla da Revolução, M-F-A, Eme-Efe-A, gritávamos pela primeira vez, Eme-Efe-A! Liberdade, Liberdade!, e todo a floração assim, duma manhã de abril, marchava, todo aquele vendaval festivo transbordava das colinas da capital, engrossava cá em baixo, nas grandes praças e avenidas, para subir de novo e alcançar as alturas do Chiado, conduzido pela vara do destino.

Aí, Chiado, Largo do Carmo, quartel-general da Guarda Republicana, os ditadores em fuga estavam cercados por um clamor de cravos e de fuzis. Um mar de gente a entoar *Grândola Vila Morena*, um imenso coro a declarar solenemente a terra da fraternidade diante dum quartel de malditos onde se tinha refugiado o Governo. No meio de nós estavam os carros blindados de armas apontadas, Alexandra e o Doutor-Soldado, seu companheiro, não tiravam os olhos dos canhões dos revoltosos que faziam frente àquelas paredes impotentes e cegas, cegas realmente de

pavor porque se mostravam de janelas trancadas e reposteiros corridos, e lá dentro, a uma luz sombria e em solidão final, o chefe do Governo esfregava os olhos frios, óculos na mão, sentindo o poder na rua. Estava, soubemos depois, fechado e só, na serena convicção duma fatalidade que devia cumprir em letra formal e segundo os desígnios de Deus; mas mais para os fundos do inútil palacete militar, e portanto mais a salvo (julgavam eles) do povo e dos soldados de Abril, os ministros atropelavam-se uns aos outros e enterravam os punhos nas orelhas para não ouvirem o que os esperava lá fora.

Isto nas primeiras horas da manhã. Porque, com o pânico e o amor ao pêlo, os ministros desataram a espiotear como se já estivessem a arder no patíbulo da forca, acusando-se e descompondo-se entre si, fazendo esgares e cuspiendo denúncias, enquanto que Natas Moreira ou Natas Baptista, gauleiter da propaganda, se passeava de olhos fechados, a rezar em latim a Declaração Universal dos Direitos do Homem.

Também nos foi dito que havia assassinos de galões dourados a cavalgar pelos salões — poucos, afirmava-se cá fora, apenas os fidelíssimos ao quartel-general e que maiores crimes tinham a ajustar com o futuro. Esses empinavam-se em montadas de cauda em arco e narinas no ar, eram pesadelos equestres levantados entre reposteiros de veludo e paredes de espelhos. Por baixo deles, no pátio e nos corredores, andavam sargentos e guardas a bater o dente, atrelados a cães sanguínários: desprendiam um hálito a pólvora retardada, sabíamos isso porque era esse o rastro que deixavam nos tempos em que faziam surtidas aos camponeses.

Liberdade, Liberdade, Fascismo nunca mais!

Tenreiro, um certo e determinado Tenreiro, almirante das pescas grossas, era outro dos donos da nação que se tinham ido esconder no Quartel do Carmo. Alguém o lembrou: lá adiante, atrás daquelas janelas. E todos nós o pensámos, e logo o esquecemos como um almirante enalhado, um próspero e arteiro mercador a deitar contas às horas que lhe restavam depois de tantas e gloriosas expedições aos cintilantes cardumes dos oceanos.

O Povo! Unido! Jamais-será-ven-

cido!
Tenreiro, enalhado, desovava sentado na retrete, nós nem de longe poderíamos imaginá-lo em tão dificultoso desempenho: um almirante a acagaçar à luz do autoclismo, com a casaca medalhada a dar-lhe pelos artilhos.

Vitória! Vitória! Eme-Efe-A! Eme-Efe-A!

Assim se fechava um império de índias, áfricas e naufrágios, e o acto final ia ter lugar à nossa vista no pequeno largo que ainda ontem era pouco mais do que um terreiro de guardas a cavalo mas que agora comportava um mar de povo, gente às varandas, gente nos telhados e em cima dos camiões militares, megafones a intimarem à rendição. Sophia Bonifrates. Era ela, a Sophia, Alexandra descobriu-a no alto de um camião, de braço dado com dois marinheiros. Apontou-a ao Doutor-Soldado: a Sophia, a Sophia das Intentas, como lhe chamava a Maria. Lá estava ela, grande e luminosa, e com um cravo em cada mão.

Sim, mas e a Maria? A Mana, a Maria, é que Alexandra procurava com os olhos e por isso se punha em bicos de pés, apoiada no ombro do companheiro. Alguma coisa lhe dizia que ela andava por ali, no meio da-quele clamor feliz, daquela consagração. Por ali ou talvez duzentos metros mais abaixo, no cerco à central da Pide, onde estavam muralhados os torturadores da polícia política. Sabíamos pela rádio que eles se tinham fechado lá, chegavam-nos notícias. Havia no Largo do Carmo gente de transístor ao ouvido, gente de olhos postos no quartel sitiado mas seguindo ao mesmo tempo os resultados das outras frentes (como nos domingos de futebol) e comunicando, dando vivas, e todos nós aplaudíamos os quartéis que se juntavam ao Movimento das Forças Armadas, MFA, MFA, todos nós nos abraçávamos pelas vitórias que se sucediam, o Aeroporto fechado, a Rádio e a Televisão ocupadas, os bancos à guarda da Revolução, um País, todo um País seguido em simultâneo como numa festa de finalíssima de baixo dum sol universal.

Atenção Sierra, atenção Sierra, daqui Charlie Alfa... Este acaso de qualquer de um de nós poder apanhar na rádio as mensagens de guerra dos nossos libertadores inquietava, forçosamente que essas indicações também estavam a ser seguidas pelo inimigo. Mas ninguém queria duvidar por um só instante do milagre que estava a desenrolar-se, ninguém queria admitir que bastaria um tiro louco, um só, para que toda aquela praça de gente se transformasse numa chacina.

E também não eram só os códigos de Charlie, de Óscar ou de Sierra Três que invadiam os transístores do povo na rua e os rádios de cada lar, sobrepondo-se aos comunicados no meio de ruídos fantasmas. Não só isso. Não só. Ao princípio da tarde chegou ao Largo do Carmo um diálogo destrambelhado de militares vencidos que falavam de envolvimento e de saídas tapadas e pediam instruções a alguém, meu general, todas as saídas tapadas.

— Todas as saídas tapadas, repito. Creio que há um ultimatum dos revoltosos para o Presidente do Conselho se entregar até daqui a meia hora, mas não sei se é verdade. Escuto.

— A ouvir em boas condições, a ouvir em boas condições. Que possibilidades vê de prosseguir a acção?

— Não entendido, escuto.

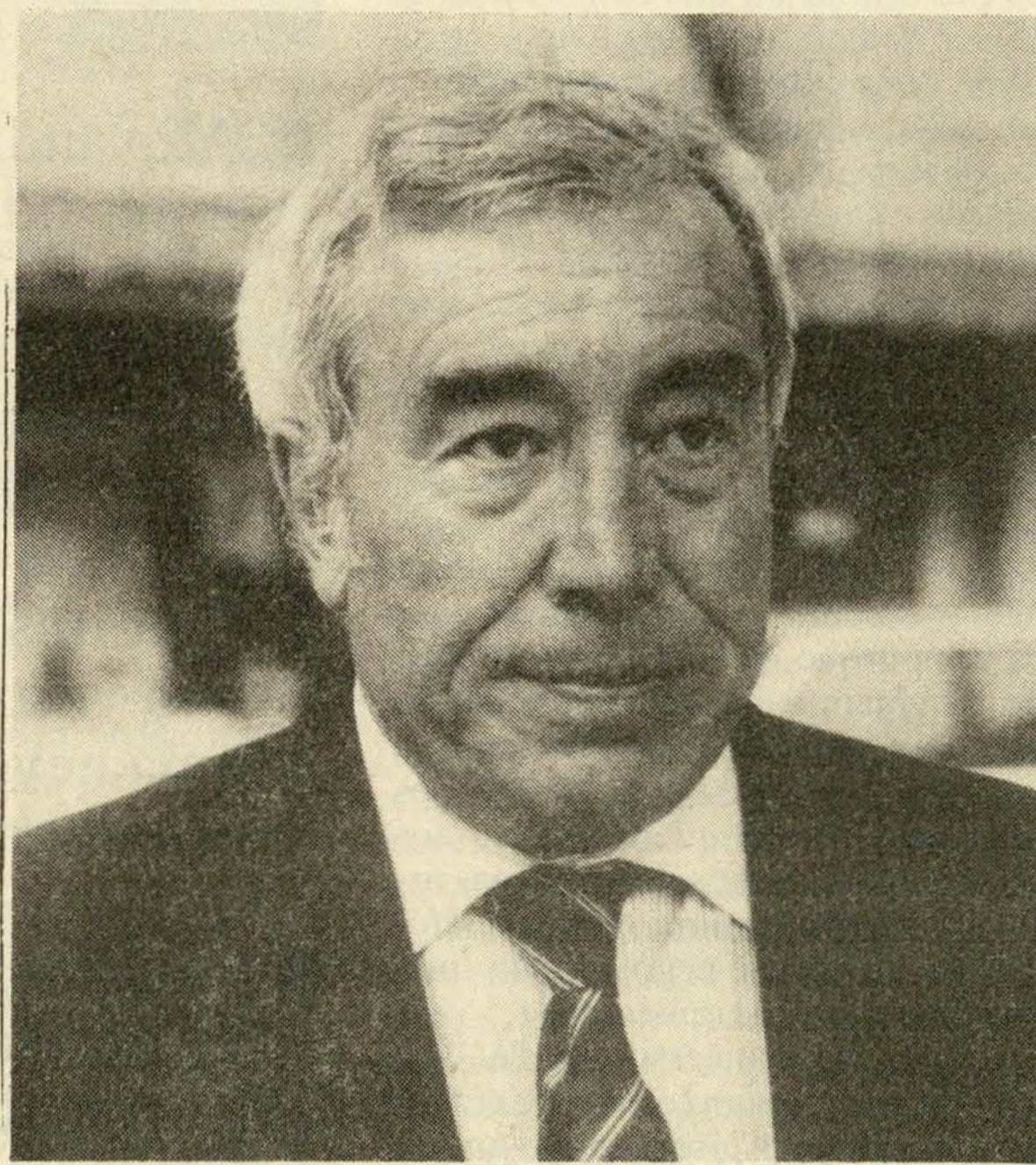
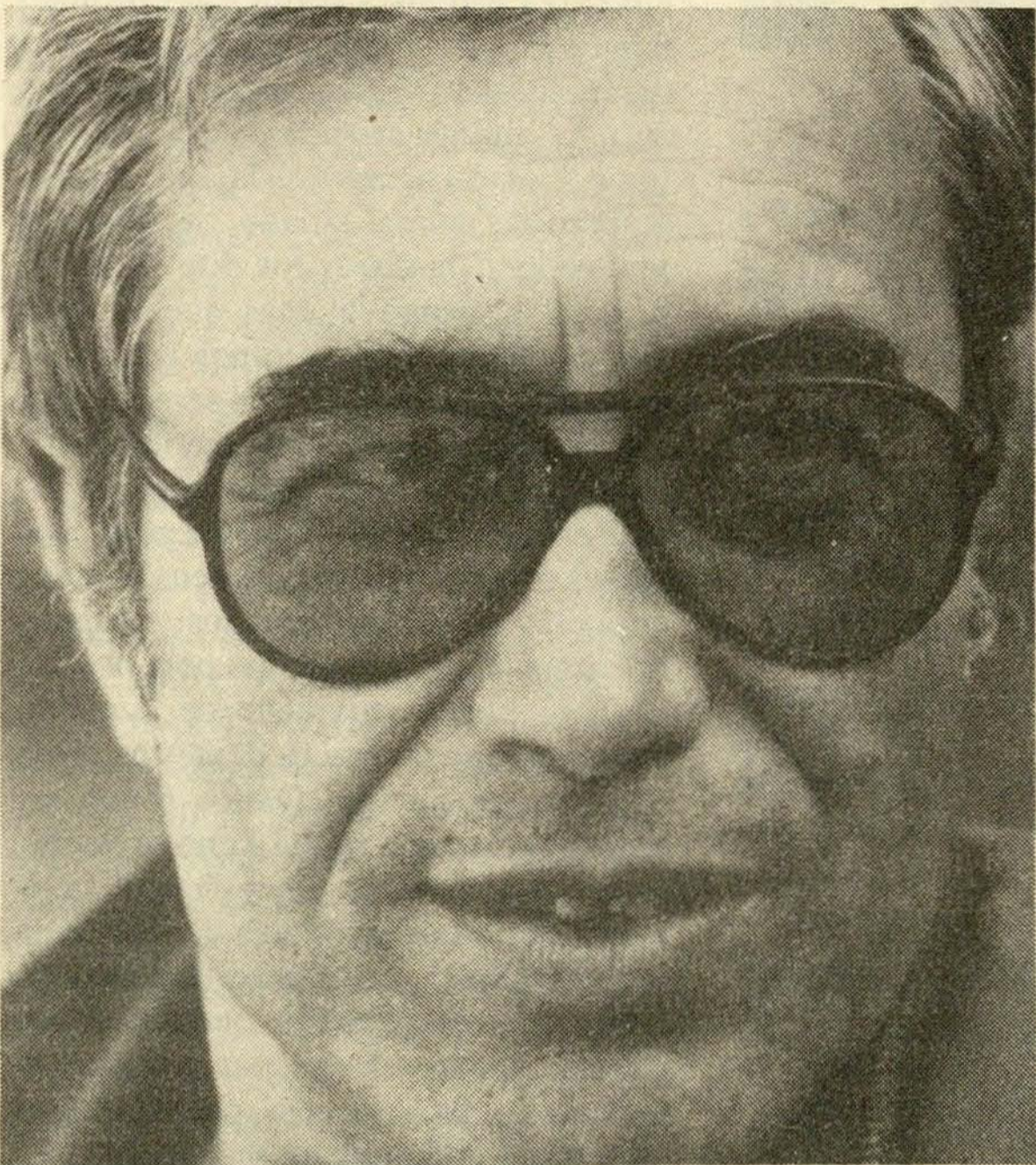
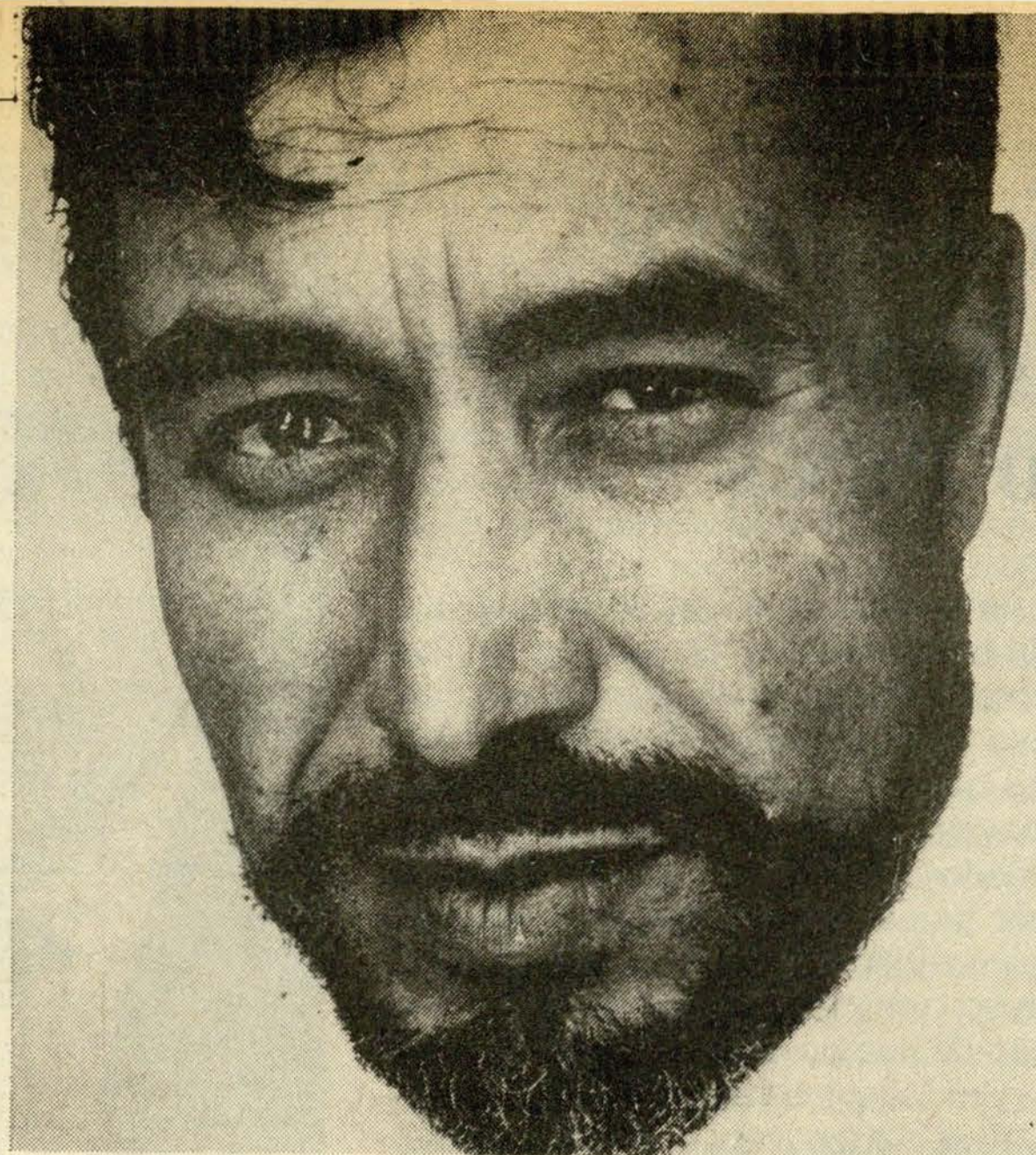
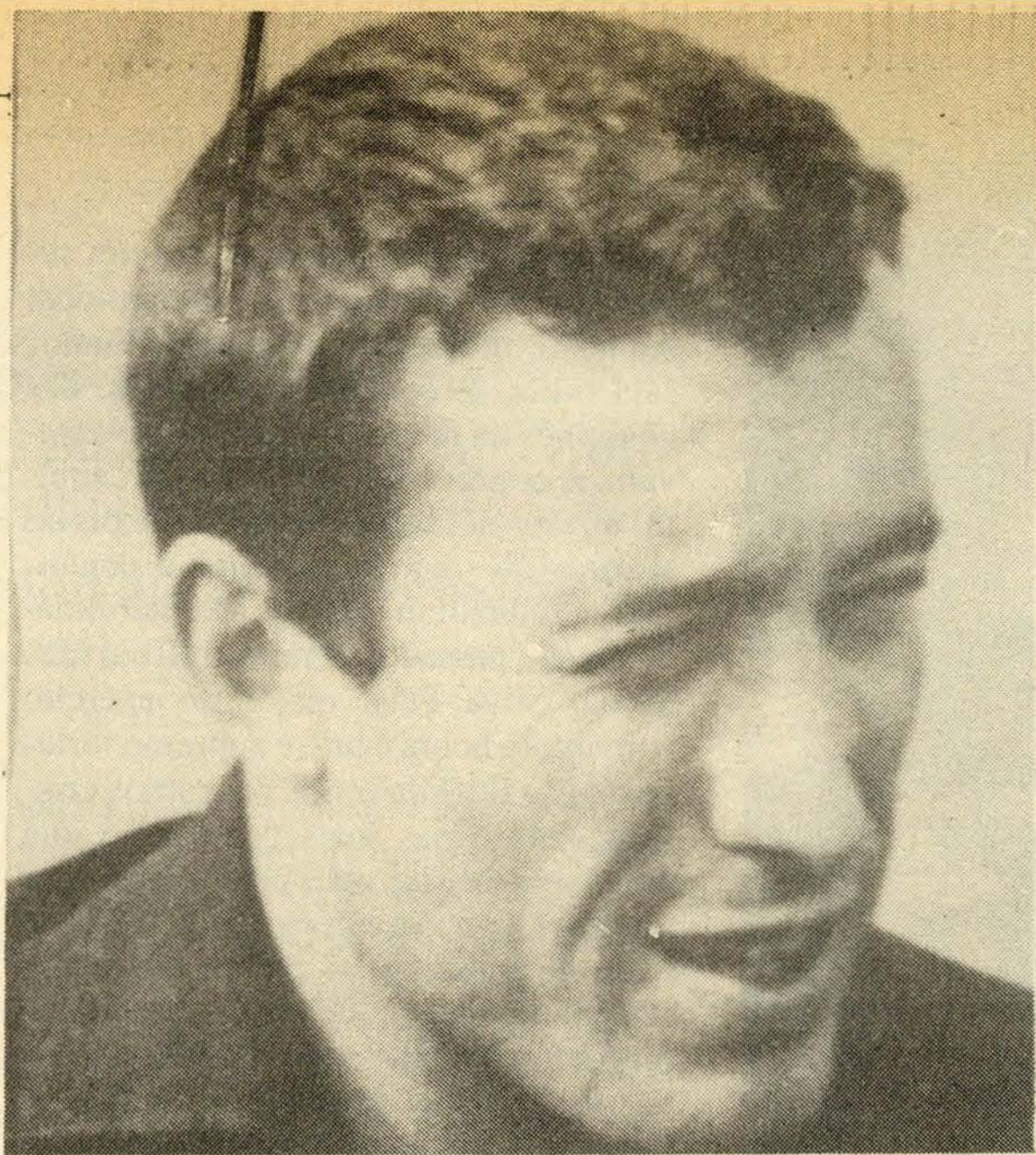
— Que meios, alô?, falo dos meios para romper o envolvimento.

— Bem, eu aqui tenho os blindados que o meu general sabe e só disponho deste bocadinho de terreno. A população ainda não nos atacou porque julga que somos revoltosos. Escuto.

Palmas. No Largo do Carmo recebia-se com palmas o diálogo dos aflitos mas este e outros acontecimentos des-norteados iriam tornar-se coisa corrente no Dia Primeiro da Revolução dos Cravos, posto que, diante duma guerra de rua com uma alma como aquela, o medo salta a granel. Logo a dois passos dali, para não irmos mais longe, as brigadas dos censores continuavam à secretária, de tesoura em riste, à espera das notícias que iriam esquarterar antes de saírem nos jornais e os jornais há muito que andavam na rua aos berros mesmo por baixo deles; mas os censores, nada, os censores surdos até à última sílaba. O medo tinha-os ensurdecido e amarrado às cadeiras.

Portugal! Eme-Efe-A! Democracia!

Entretanto e à vista de todos, presenciávamos com os nossos olhos a cena em



Sucessivos retratos de José Cardoso Pires, e o escritor com Óscar Lopes e Eduardo Prado Coelho

que o famigerado Maltez se despiu à pressa da pele de capitão da Polícia de Choque e se ofereceu em posição de sentido aos militares da Revolução, tendo sido mandado ali mesmo para sinalheiro de bons modos, missão que efectivamente cumpriu com disciplinado zelo e louvável convicção. A isto assistimos e mais soubemos. Vimos um helicóptero, armado de helicanhão, a cruzar os céus do Largo do Carmo, um monstro bojudo e vagaroso que foi perdendo altura por cima das nossas cabeças e do quartel-general sitiado, o canhão a cintilar ao sol, a surpresa e o mistério a acompanharem o seu voo, mas, calma, era nosso, sossegaram-nos pelos megafones os militares libertadores. Nosso!, bradou a praça inteira rompendo em aclamações, Vitória! Vitória! O Povo! Unido! Jamais-será-vencido! E todavia toda essa loucura, esse encantamento que abalava Lisboa e se prolongava para lá do Tejo, do mar, das nuvens até, continuava a não chegar aos sonolentos amanuenses da Censura. Eles perduravam há meio século plantados nos seus cadeirais sombrios, larvando papel, estendendo raízes, reproduzindo-se; eram tão alheios à verdade e ao tempo que dir-se-iam incapazes de reconhecer o que se estava a passar. Continuavam à espera, firmes, tesouras ao alto, a olhar para os retratos de Salazar e do Thomaz Presidente que tinham à cabeceira da sala em moldura de repartição.

Mas Salazar, o Grande Dinossauro, há muito que estava sepultado numa campa de aldeiazinha ao abrigo das virtudes camponesas, com a sua caveira de dentes furibundos exposta aos vermes e às raízes: ninguém se lembraria de perguntar por ele naquela altura. E pelo Thomaz ainda menos, o País tinha mais que fazer. O País habituara-se a vê-lo passar de tesoura na mão a cortar fitas de inaugurações e esquecera-o há séculos numa revoadada de retalhos. Também quando deu pela falta dele não se incomodou grande coisa nem teve muito trabalho em o agarrar, uma vez que o, assim chamado, Venerando se transferira burocraticamente em plena revolução para a sua residência particular, em traje civil de reformado por emergência e com todas as designações que lhe tinham sido conferidas por eleições congeminações. Efectivamente, no acto da captura, foram descobri-lo, de chapéu de palha e tesoura (se calhar a mesma tesoura com que cortava as fitas nas cerimónias inaugurais) mas agora a podar as roseiras do quintal, rodeado de passarinhos saltitantes. Uma vez mais de tesoura, repare-se: naquele momento o Thomaz Presidente tanto podia ser um jardineiro enternecido como um censor de flores. Todavia, paixões são paixões, a cada um a sua sensibilidade, e os enviados do M.F.A. ao acercarem-se dele descobriram-se respeitosa e, proferidas as saudações da praxe, perguntaram-lhe se porventura tinha conhecimento de alguma revolução ocorrida por aquelas redondezas. Ao que o Presidente, almirante e venerando, respondeu que, momento, vinha já, e correu a casa para pôr o chapéu armado, a espada e as dragonas que competiam ao seu grau e à sua patente. Ora digam, façam favor, pronunciou ao regressar.

De presidentes pintados nunca reza a liberdade e muito menos esta que a gente estava a viver e que não era nem de palácio nem de generais. A nós falávamos-nos de capitães, mas desconhecíamos-lhes os nomes e as figuras. Apenas sentíamos que eram dotados de imaginação e de entendimento civil e só depois compreenderíamos como, sendo tão poucos e tão sós na servil praça das armas, conseguiram virar do avesso um País minado de generais, padres vorazes e polícias torcinários. Em vez do clarim heróico eles usavam uma inteligência

Continua na pág. 6

A crónica do 25 de Abril no «Alexandra Alpha» de José Cardoso Pires

Continuação da pág. 5

bem perto do coração e nisso nos confiávamos, era isso que assombrava Alexandra em cada comunicado que chegava ao Largo do Carmo e, como ela, a Maria que decerto não andaria longe dali. De modo que, sem medo nem roteiro, fizemos desta Lisboa um horizonte aberto, uma cidade de cravos na boca dos fuzis, e havia um arcanjo de pedra a guardar-nos a cada esquina.

Mas enquanto o passado agonizante se debatia num carnaval de quartel, ministros a esbracejarem, cavaleiros cegos de terror, a multidão a ensurdecê-los na rua com brados de vitória, e cantos, e intimações, enquanto isso a loucura dos últimos desesperados arremeteu. Saída dos fumos da derrota, apareceu não se sabe onde uma coluna motorizada da Guarda Republicana e, cuidado, aquilo era uma expedição de suicidas a avançar sobre o Largo do Carmo. Vinham dispostos a pôr termo ao arraial revolucionário e a salvar o quartel sitiado, e eram carros atrás de carros, verdadeiras jaulas de mastins de queixos descomunais e de dedo a pular nos gatilhos, comandados por um demónio com o gume da morte no olhar. Chegaram com a velocidade e a precisão dum rastilho de pólvora, eram eles, os sanguinários de sempre, mas, pasmo dos pasmos, à boca do largo esbarraram com a multidão e ficaram. Imóveis. Sem pinga de sangue. Gente desarmada a crescer a toda a volta, e eles presos aos assentos, mudos e isolados.

Eme-Efe-A! Liberdade! Democracia!

Cobríamo-los de gritos, MFA, Movimento das Forças Armadas, Vitória, Democracia, empunhando cravos vivos, Vitória, Vitória, tanto cravo, que Abril aquele. Enfiados como estavam nos capacetes de combate, não podíamos ver-lhes os olhos, tudo o que percebíamos era que se recusavam a fazer face ao que os cercava, que não procuravam sequer voltar-se para o fantasma que os tinha trazido àquela emboscada ostentando o pavilhão lendário dum nome de guerra. Tormenta, Major Tormenta, assim era conhecido nos memoriais de caserna e de repressão. Agora, apeado do carro de comando, voltava-se para o quartel onde estavam aprisionados os seus chefes e os donos da nação como se quisesse dar-lhes esperanças com a sua presença. Nesse momento Alexandra sentiu pousar sobre ela um beijo de despedida e viu o Doutor-Soldado a afastar-se para nunca mais.

A praça ondulava, abriam-se e fechavam-se clareiras, e numa dessas vagas Alexandra ainda vislumbrou o Doutor-Soldado, cartão de identidade na mão, a apresentar-se a um oficial do Movimento; mas foi um instante, um relance só, porque logo o perdeu de vez. Então pensou na Maria e alongou o olhar. Esperava descobri-la em qualquer sítio e talvez a olhá-la também, pois adivinhava, tinha a certeza, que ela estaria a seguir a de longe. Pressentia-a. A todo o momento uma pequena mão, muito seca e comovida, viria pousar-lhe no ombro e saberia então que era a Mana a fazer-lhe companhia.

Situação louca, esta agora: um demónio suicida cercado por gritos e por cravos no cerco que ele próprio viera fazer. Major Tormenta, o suicida frustrado. Estava, muito arrogante, à porta do seu carro de comando,

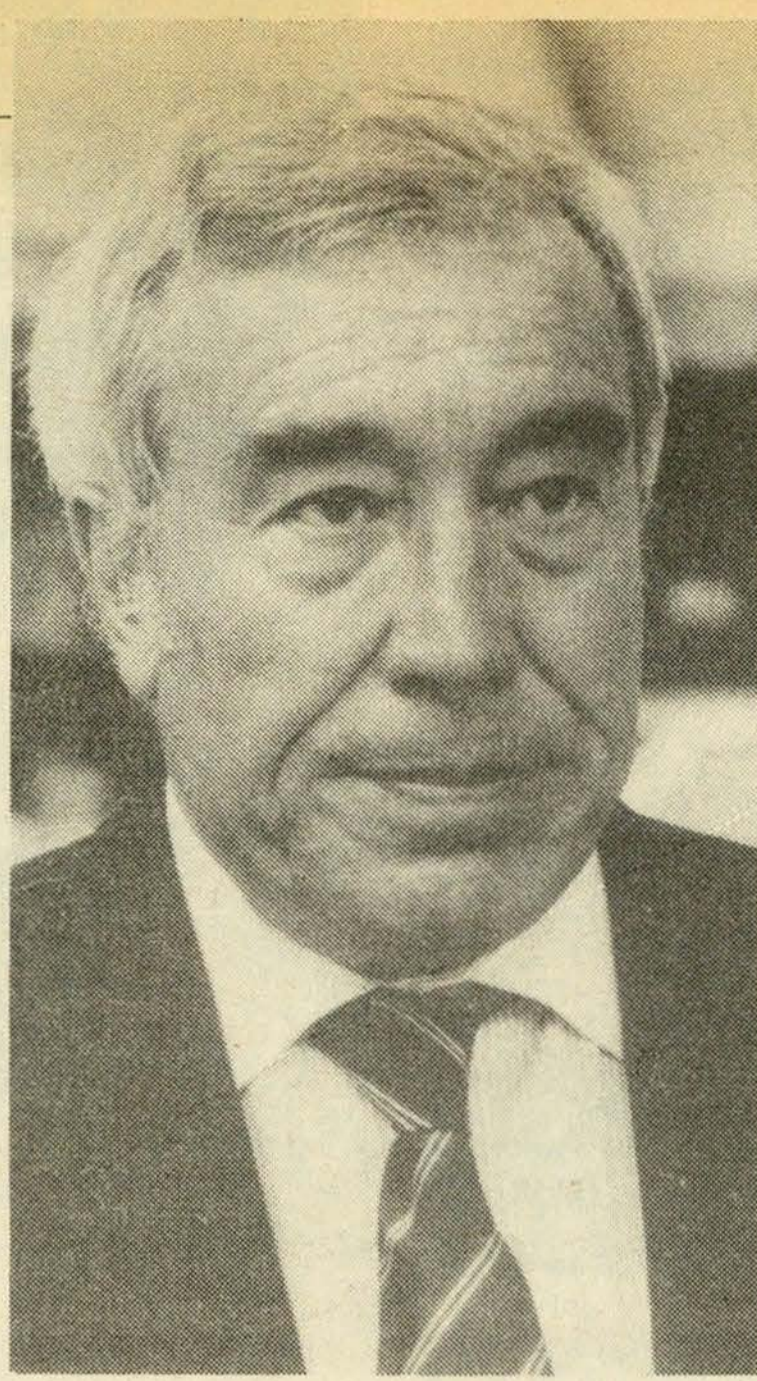
e tinha atrás de si uma coluna de viaturas ferozmente armadas mas disposta ao longo duma rua tão estreita que já não podia retroceder. Viaturas que, como dissemos, se assemelhavam a jaulas de salteadores atordados pelo clamor e pelo medo e por isso sentíamos o cheiro salgado que se exalava deles. Era ácido e nítido: um cheiro a suor de cavalos, não de homens.

Cuidado, cuidado.

Mas o largo, com o mundo a pulsar no peito de cada um de nós, estava seguro deles e como que os ignorava. Como que ignorava o comandante louco que olhava para o quartel através de uma névoa de gritos, mãos nos quadris, queixos cerrados, fingindo que consultava o relógio para iniciar a chacina mas no fundo à espera que lhe enviassem emissários, códigos de honra, negociadores a quem se pudesse render em protocolo de guerreiros. Mas, azar o dele, os emissários é que tardavam. Ou não vinham. Não os víamos, pelo menos. Talvez não tivéssemos mesmo tempo para os ver porque, percebendo-se sinais de movimento no quartel, todas as atenções estavam voltadas para a porta de armas por onde iam sair os ditadores. Havia quem subisse aos candeeiros e cachos de gente nas árvores, refugiado numa cabina telefónica, um casal de cegos seguia tudo por um pequeno transistor.

Alexandra ficou assombrada: dois cegos a viverem um festival de cravos e de multidão, estavam muito unidos numa felicidade parada, unidos mas com aquela solidão que cada cego carrega em si até ao fim da vida, e apontavam uns olhos brancos, visionários, para uma névoa distante e tumultuosa. Era como se estivessem a ouvir alguém de muito longe a relatar-lhes o que se passava à volta deles.

Eme-Efe-A! Eme-Efe-A! Vitória! Democracia! Cada rádio era um eco vras de ordem. Tiros, agora. Ouvíamos a cortarem a voz do locutor, lá num outro ponto da cidade; vinham da PIDE, exactamente, da sinistra central da política política que desde madrugada estava



■ Alexandra ficou assombrada: dois cegos a viverem um festival de cravos e de multidão. Estavam muito unidos (...) e apontavam uns olhos brancos, visionários, para uma névoa distante e tumultuosa.

■ Situação louca, esta agora: um demónio suicida cercado por gritos e por cravos no cerco que ele próprio viera fazer. Major Tormenta, o suicida frustrado.

daquele largo a percorrer o espaço até às moradas longínquas, hospitais, barcos de mar, até ao vigilante perdido na montanha e aos camiões de longo curso que rolavam pelas estradas. Ouvia-se por esse mundo Liberdade! Povo Unido!, e éramos nós aqui, o nosso brado a alastrar por cima de comunicados e de pala-

debaixo de cerco, calada como um sepulcro. Os transístores diziam-nos: Atenção, apontando o telhado. Fumo, saía fumo. E com efeito, algures, das chaminés da fábrica da tortura, levantavam-se negros rolos de fumarada, aquilo, diziam-nos, eram os profissionais do terror a queimarem ficheiros e denúncias, a reduzirem a cinzas a contabilidade do seu passado criminoso. Com eles estava Silva Pais, major do exército com muita honra e brio e supremo torturador por fidelidade aos princípios cristãos; major mas mais general do que todos os generais, mais poderoso do que todos os bispos e juizes e maior do que todas as consciências porque era administrador do medo, confessor e punidor, tudo a um tempo e consoante lhe aprouvesse. Falava-se de que no seu gabinete dourado tinha um violino de estimação em caixa forrada a cetim e no formato dum torso de mulher-criança, com o recorte das curvas das ancas e dos seios de uma mulher-criança e com um perfume sagrado a envolvê-la; que, no desespero de animal sitiado, se benzia e praguejava, também foi dito; e se rebenzia; e suspirava; mas que acabara por emudecer com os olhos postos no retrato da esposa que trazia sempre com ele. Estava portanto em recolhimento no centro da teia de microfones invisíveis em que vivera, e nas escadas, nos curros e nos corredores, os seus homens atropelavam-se estonteados. Alguns tinham sido surpreendidos pela revolução em plena actividade de suplício: suspenderam-se com os dentes na presa e prestaram ouvido. Outros foram arrancados da cama a toda a pressa e acorreram, sedentos de carne fresca, convencidos de que se tratava de mais uma revolta falhada. Só os mais tardios hesitaram, mas no receio de que a mão popular se abatesse sobre eles procuraram refúgio ali, na casa-mãe, para se defenderem em comunidade maldita.

Lá se ficaram e nós lá os sabíamos pelas notícias que corriam a cidade. Nunca lhes passara pela cabeça que alguma vez lhes pudesse chegar uma tal hora e erravam pelos labirintos familiares num embrutecimento de apavorados. Eles, os agentes do suplício da estátua e do sono, movimentavam-se agora como fantasmas de pesadelo, tropeçando em arsenais de algemas e de sórdidos instrumentos de confissão. Porém eram de natureza assassina, coisa de nunca esquecer. O seu íntimo e o seu mister estavam associados à morte, e no auge da perdição espreitaram o povo com o cano das armas e fizeram fogo. Três

mortos, foi o saldo. Três jovens, as primeiras vítimas da Revolução. Abateiram-nas como uma assinatura final, o selo da sua rendição.

Nós os do Largo do Carmo, não estávamos lá mas tudo conhecíamos daqueles frios monstros das trevas. Em vez deles vigiávamos os seus donos que tínhamos igualmente encurralados e vencidos à nossa frente. Não tardaria muito que um blindado-fortaleza atravessasse o portão do quartel e os arrancasse de lá a caminho da prisão.

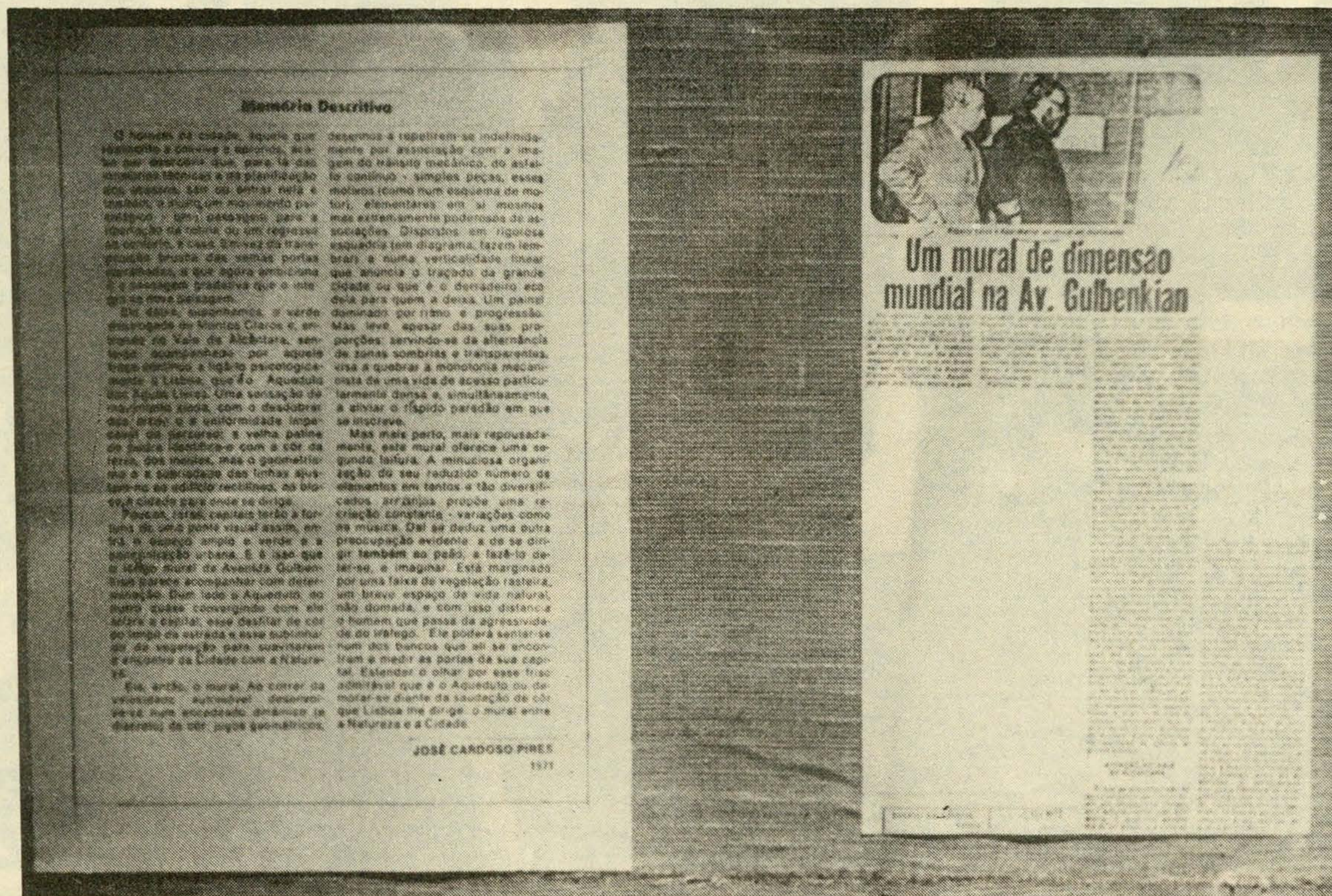
Da prisão ou do exílio? Naquele instante ninguém se perguntou sobre isso, Alexandra, os soldados, o povo inteiro, toda a gente, toda a gente esbracejava num vendaval de alegria. Era o estrondo final da catedral do medo, cinquenta anos, meio século, vencidos num só dia, e para onde se olhasse só se viam lágrimas e cravos e abraços que passavam de pessoa em pessoa, de rua em rua e se prolongavam para o Norte e para o Sul, até ao mar e para lá.

Tudo nos parecia um sonho dado de flor na mão. A jangada dos ditadores a espanjar a bandeira da rendição, os assassinos enjaulados — tudo um sonho, glória do coração. Agora os nossos olhos voltavam-se para longe, para um forte que era lendário mas concreto e carregado de prisioneiros políticos. Caxias: só esse nome nos gelava de pavor. E apontando para lá, atravessávamos a cidade em alvoroço. A cada passo deparávamos com esperas de rua e corridas de assalto porque era a vez da caça aos informadores da Pide. Alguns deles saltavam das tocas, estremunhados e deambulantes ao enfrentarem a luz do dia, e compreendemos então a que ponto eram criaturas estranhas à natureza comum e com que fatalismo se deixavam levar em espectáculo público, conscientes da sua abjecção.

Mas Caxias esperava-nos, Caxias era a palavra de ordem e nós já íamos por uma auto-estrada cheia de carros a buzinar, grupos a pé agitando bandeiras, casais em motocicleta, soldados de cravo no fuzil, ambulâncias, mais soldados, mais cravos, tudo a caminho da fortaleza-prisão que se via lá no alto, rodeada de mata em azul de Abril. A angústia com que nós dantes interrogávamos aquele casarão à distância e como agora nos parecia tão sem mistério, quase banal. Havia centenas e centenas de famílias acampadas entre as árvores a aguardar a libertação dos presos, crianças ao colo de marinheiros armados, cantares revolucionários, proclamações, numa espera que se iria arrastar pela noite dentro. Gente que ia, gente que vinha, sempre mais gente — isso até quando?

Depressa, era urgente abrir aquelas muralhas antes que os generais entorpecidos pelo medo acordassem e se pusessem a manobrar. Era urgente, pensava Alexandra, e lembrava-se do Nuno. Ao mesmo tempo procurava o mini-Austin nas redondezas do Largo do Carmo porque também ela queria estar presente na libertação dos prisioneiros e não podia perder tempo, sabia de certeza absoluta que tinha deixado o carro por ali, mas onde? Lisboa de manhã tinha sido outra, outra cor, outra geografia, a desordem do encantamento. Agora, vencida a dúvida e livre, verdadeiramente livre, a cidade escoava-se noutras direcções. Alexandra encontrava-a subitamente recolhida quando ainda há pouco fora uma tempestade, um imenso brado de triunfo e quanto mais se afastava das ruas centrais, mais a sentia repousada. Como depois dum sonho?

Continuou às voltas, à procura do carro. Afinal, acabou por descobri-lo em cima do passeio e junto à mesma árvore onde o deixara há quase uma eternidade. Tinha uma multa por estacionamento proibido, afixada no pára-brisas.



«Um mural de dimensão mundial na Av. Gulbenkian», um projecto a que José Cardoso Pires esteve ligado em 1971